

Ludmilla Pitrowsky
Daniel Kupermann
(Orgs.)

SUPERVISÃO:

O “sentir com” entre psicanalistas



INM Editora

**Ludmilla Tassano Pitrowsky
Daniel Kupermann
(orgs.)**

**SUPERVISÃO:
O “SENTIR COM” ENTRE PSICANALISTAS**



INM Editora

Copyright © 2025 by Ludmilla Tassano Pitrowsky e Daniel Kupermann

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei Nº. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei Nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004 e a Lei Nº. 12.192, de 14 de janeiro de 2010.

Editores: Sergio Gomes e Bruno Gomes

Diretor Comercial: Bruno Gomes

Revisão Ortográfica: Evelyn Sartori

Preparação de Texto: Evelyn Sartori

Revisão Técnica: Sergio Gomes

Revisão Final: Tatiana Sayumi Seki

Secretaria: Nawana Taranto

Capa: Benjamin Castro

Diagramação: Caren Dantas

Marketing: Lyvia Gomes

Traduções: Heci Regina Candiani

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.

ISBN: 9786585823173

INM Editora

Rua Frei Caneca, nº 1380, 1º andar

Consolação, São Paulo, SP

CEP: 01307-002

Tel.: +55 (11) 5026 7748

contato@inmeditora.com.br

inmeditora.com.br

Este livro é derivado do colóquio realizado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em setembro de 2021. O colóquio foi organizado por Ludmilla Tassano Pitrowsky, como parte de seu pós-doutoramento, e pelo supervisor da pesquisa, Prof. Livre Docente Daniel Kupermann. Para assistir as palestras, acesse os QR CODES abaixo:

Primeira Mesa: 20 de setembro de 2021



Segunda Mesa: 27 de setembro de 2021



SUMÁRIO

- 11 Prefácio
19 Apresentação

Parte I. A transmissão do estilo empático na clínica psicanalítica

- 25 Notas sobre a supervisão na psicanálise contemporânea -
Daniel Kupermann
- 37 A supervisão e a transmissão do estilo empático na clínica
psicanalítica - *Ludmilla Tassano Pitrowsky e Daniel Kupermann*
- 63 Ecos, reflexos e sonho no trabalho de supervisão - *Julio Verztman*
- 97 Supervisão, super-visão, outra-visão: notas sobre o estilo
empático na psicanálise - *Sergio Gomes*

Parte II. O “sentir com” e o campo da transferência e da contratransferência

- 129 Sobre a contratransferência em supervisão: pistas grupais e
institucionais - *Pablo Castanho*
- 153 O analista, seu narcisismo e o do supervisor - *Alexandre
Abranches Jordão*
- 165 A supervisão como lugar da contratransferência - *Ludmilla
Tassano Pitrowsky*
- 189 Supor não saber: o aprendizado clínico possível na graduação de
Psicologia - *Patrícia Mafra de Amorim*

Parte III. Traduções

- 205 Formação e supervisão - *Vilma Kovács*
- 219 Sobre o sistema de treinamento da psicanálise - *Michael Balint*
- 253 Supervisão para o nosso tempo: a contratransferência e o rico
legado da Escola de Budapeste – *Raluca Soreanu*
- 291 Sobre a supervisão psicanalítica - *Thomas Ogden*

PREFÁCIO

O livro que o(a) leitor(a) tem em mãos traz discussões imprescindíveis para compreendermos o que é a supervisão no campo psicanalítico hoje. Os textos trazem não apenas os aspectos históricos e institucionais da supervisão, mas também as críticas e as hipóteses mais recentes desse dispositivo.

Em primeiro lugar, ao longo de todos os textos, fica muito claro que a supervisão é uma técnica de controle de qualidade, por assim dizer, do que é feito em análise. Por ser uma atividade privada, a condução de uma análise exige o testemunho de um(a) terceiro(a): o(a) supervisor(a). O fazer do(a) analista está sob exame na supervisão e é nesta ocasião que se certifica que o que está sendo feito é psicanálise efetivamente. Veremos, no entanto, que é consenso entre os(as) pesquisadores(as) que a supervisão não se reduz à vigilância superegoica da técnica.

Ludmilla Tassano Pitrowsky, em “A supervisão como lugar da contratransferência” nos recorda como a supervisão é construída historicamente como ponto de apoio para o controle da contratransferência, mas como isso pode levar o(a) analista a um engessamento.

O medo de perder o controle sobre o que um(a) analista faz pode vir a inibir processos criativos e inovadores na técnica clínica. O ponto de equilíbrio é sempre tênue e tenso entre o perigo do descontrole (fazer algo não-psicanalítico em nome da psicanálise) e o fetichismo institucional (o analista ortodoxo produzindo iatrogenia em nome da sacralidade da técnica). Esse tensionamento é explorado de forma cuidadosa em “A supervisão e a transmissão do estilo empático na clínica psicanalítica”, de Ludmilla Tassano Pitrowsky e Daniel Kupermann.

“Ecos, reflexos e sonho no trabalho de supervisão”, de Julio Verztman, traz um relato muito importante de sua experiência no Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade

(NEPECC)¹ e faz trabalhar a noção de processo de reflexão, de Harold Searles². Também presente em outros textos, essa ideia torna mais porosa a relação entre análise propriamente dita e supervisão. O(a) supervisor(a) pode sentir algo que acontece entre analista e paciente auxiliando no processo de análise, exercendo sua função para muito além de um superego da técnica. O(a) supervisor(a), ao deixar-se afetar pelo caso clínico, multiplica a escuta e possibilita novas interpretações às cenas clínicas relatadas.

Pablo Castanho, em “Sobre a contratransferência em supervisão: pistas grupais e institucionais”, apresenta vinhetas de supervisão em grupo, narrando experiências na graduação em Psicologia. A metodologia do trabalho em grupo é apresentada a partir das teorias de Kaës. Mais uma vez, o leitor é gratificado por ter acesso a um trabalho didático e claro que entrelaça a supervisão e a contratransferência, com especial atenção ao contexto social, inclusive.

Em “A supervisão na psicanálise contemporânea”, Daniel Kupermann, com seu bom humor de sempre, lembra-nos que a supervisão ajuda o analista mais experiente a limpar seus ouvidos, por assim dizer, diante do que seus(suas) supervisandos(as) o trazem. O autor lembra que a ética da abstinência é um dos eixos da análise, mas há também outras forças gravitacionais importantes como a empatia e o tato. O que se transmite numa supervisão, insistimos, não é apenas um conjunto de regras, uma propedêutica técnica, mas também um saber-fazer compartilhado, que vai se construindo conjuntamente.

1. <http://nepecc.psicologia.ufrj.br/>

2. Searles, H. (1955). The informational value of the supervisor's emotional experiences. In: *Collected papers on schizophrenia and related subjects*. New York: Int. Univ. Press, 1965, p. 157-176.

Alexandre Abranches Jordão, em “O analista, seu narcisismo e o do supervisor”, faz trabalhar o narcisismo como uma moeda de dupla face. De um lado, o narcisismo que impede a escuta, que faz analistas e supervisores(as) resistirem à escuta genuína e empática do outro. Por outro lado, o narcisismo é fonte de criatividade, de repouso e de fantasia, precisamos dele para traduzir o que o outro nos traz. A supervisão, nesse caso, pode ser vista como um exercício de cuidado com relação a essa dinâmica do narcisismo. Como vemos, uma tese que faz dialogar Ferenczi e Lacan de forma muito interessante.

“Supervisão, super-visão, outra-visão: notas sobre o estilo empático na psicanálise”, texto de Sergio Gomes, começa trazendo aspectos históricos importantes sobre as instituições psicanalíticas e a supervisão. Em seguida, o autor se junta aos colegas nisso que parece ser o eixo central das contribuições: supervisão é ver além do que é meramente relatado, é trazer visibilidade ao campo contra e transferencial, abrir uma outra visão sobre o caso clínico. Essa tarefa, como estamos vendo, vai muito além de uma defesa da técnica.

O capítulo “Supor não saber: o aprendizado clínico possível na graduação de Psicologia”, de Patrícia Mafra de Amorim, problematiza a supervisão no contexto da universidade privada brasileira. O imperativo de um saber visto como *gadget* entra em contradição com esse outro saber produzido pela clínica, resistente à resposta pronta exigida pelo capitalismo da pressa e da eficiência. A supervisora tem uma função fundamental: a partir de um estilo empático, sustentar um não-saber-tudo, para que, juntos a seus(suas) supervisandos(as), possa extrair um saber atravessado pelos afetos e compartilhado.

O livro se encerra com chave de ouro, trazendo quatro traduções muito bem-vindas, de autores fundamentais em nosso campo: Michael Balint, Raluca Soreanu, Vilma Kovács e Thomas Ogden.

Vilma Kovács, em “Formação e Supervisão”, retoma a história da supervisão no movimento psicanalítico como um dispositivo de controle e qualidade de uma oferta de análise. O analista tinha que ser analisado, mas isso não bastava. Era importante que a supervisão também corrigisse as possíveis resistências do analista. A supervisão funciona como uma dobra, portanto, da análise do analista, sem, no entanto, transformar-se numa outra análise.

Em “Supervisão para nossos tempos: a contratransferência e o rico legado da escola de Budapeste”, Raluca Soreanu nos traz uma excelente leitura de Ferenczi e Balint para tentar responder a uma das questões fundamentais da formação do analista: qual é o “lugar” adequado para elaborar sistematicamente a contratransferência do analista para com seu paciente? A escola de Budapeste aproxima a supervisão da análise do analista. Não há substituição de uma pela outra, o tripé continua, mas é possível que na análise do analista possa haver mais espaço para que ele trabalhe sua contratransferência conjuntamente. As fronteiras entre analista e supervisor podem ser mais borradas.

Thomas Ogden, em “Sobre a supervisão psicanalítica”, pensa a supervisão como uma forma de sonho guiado. O supervisor ajuda o analista a sonhar aspectos da relação analítica que o analista não consegue (ou o faz apenas parcialmente) sonhar. Ogden traz quatro ilustrações clínicas didáticas para demonstrar sua tese de que a tarefa da supervisão é levar o analista aprendiz a entrar no processo primário e entregar-se a um modo novo de pensar que é o pensamento onírico. Recomendo a leitura atenta do encontro relatado entre Ogden e Searles.

Michael Balint, em “Sobre o sistema de formação psicanalítica”, começa seu capítulo relembrando o fato um tanto constrangedor de que a história da supervisão foi bastante lenta no início da história do movimento psicanalítico. Isso reforça a hipótese de que a contratransferência é mesmo uma resistência importante - tanto técnica quanto institucional. Enfrentar essa inibição (e esse sintoma) de não conversar seriamente sobre a formação do analista e o controle do que analistas fazem deve ser tarefa ética - e não meramente técnica - permanente do campo psicanalítico. O capítulo de Balint é uma aula sobre como a história da formação e da supervisão de analistas merece ser pensada analiticamente.

Como o(a) leitor(a) pode perceber, o livro que tem em mãos é um manancial criativo e potente para se pensar no dispositivo da supervisão para além do controle que poderia nos levar ao fetichismo estéril da técnica. Os textos aqui reunidos caminham juntos para pensar a supervisão - em par ou em grupo, no consultório particular ou na Universidade - como espaço efetivamente compartilhado. Cabe, finalmente, destacar a presença do pensamento de Sándor Ferenczi em quase todos os textos. Isso, certamente, não é por acaso: Ferenczi foi o primeiro a denunciar os perigos de possível iatrogenia presente no tratamento psicanalítico, foi ele quem nos convidou enfaticamente a questionar a técnica em prol do cuidado e da sensibilidade dirigidos ao paciente. Não surpreende que tão boas reflexões sobre a supervisão tenham bebido dessa fonte. Que o(a) leitor(a) se inspire!

Fábio Belo
Psicanalista

**SUPERVISÃO:
O “SENTIR COM” ENTRE PSICANALISTAS**



INM Editora